



HORIZONTE

JORNAL DO BATALHÃO 2908

JUNHO 1970

Responsabilidade do Comando B. C. 2908

Composto e impresso na
Gráfica de Casa dos Repazes
Vianna do Castelo

N.º 4

Espontânea manifestação popular

Além do grande esforço que as operações de carácter militar exigem, as nossas tropas estão a desenvolver uma acção psicológica digna de relevo. Disso se aperceberam as populações nativas que espontaneamente quiseram fazer uma manifestação de agradecimento por tudo quanto a tropa tem feito em seu benefício. Todos os dias às 9 horas da manhã é servido o café com pão a cerca de 100 crianças. Mais duas refeições (ao meio dia e à noite) são servidas a cerca de 30 velhos e pobres e às crianças na medida do possível, o que se tem verificado com toda a regularidade. De salientar a assistência médica às populações que tem sido a todos os títulos eficaz.

Perante tais serviços prestados, a população não podia ficar indiferente e quis manifestar-se reconhecida. Por isso, quase toda a população compareceu à manifestação. Seguiu-se o discurso de agradecimento que publicamos na íntegra para lhe não tirarmos a espontaneidade de linguagem.

«Ex.mo Senhor Comandante

Ex.mo Senhor Administrador

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Em nome do Régulo, Chefes e da população muito agradeço a V. Ex.ª Senhor Comandante e aqui presente Senhor Administrador pelos benefícios feitos à população, 1.º pela atenção que V. Ex.ª tivestes de dar a comida e assegurar a todos com um especial carinho paterno. Com isto estão

(Continua na página 6)



Aspecto parcial da multidão que compareceu à manifestação

Editorial

SORRISO

Existe um meio excelente de criar em si mesmo uma alma amiga: o sorriso. Não o sorriso irónico e zombeteiro, o sorriso de esguelha que julga e rebaixa.

Mas o sorriso rasgado, claro, o sorriso escuteiro, quase uma risada.

Saber sorrir: que força! Força de apaziguamento, de doçura, de calma, força de irradiação.

Um sujeito solta uma piada à tua passagem... estás apressado... passas... porém sorri, sorri amplamente. Se teu sorriso é franco, alegre, o sujeito sorrirá também... e o incidente se encerrará em paz... Experimenta.

Pretendes fazer a um camarada uma crítica que imaginas necessária, dar-lhe um conselho que julgas útil. Crítica, conselho, coisas duras de aceitar.

Sorri, pois; compensa a dureza das palavras com a afeição do olhar, com o riso dos lábios, com toda a sua fisionomia alegre.

E tua crítica, teu conselho, surtirão melhor efeito... porque não irão ferir. Há momentos em que, diante de certas aflições, faltam-nos as palavras, não encontramos as expressões de consolo. Sorri então de todo o teu coração com a tua alma compadecida. Sofreste um dia e o sorriso mudo de um amigo te reconfortou. Impossível que não tenhas feito esta experiência. Age do mesmo modo para com os outros.

«Cristo», dizia Jacques d'Arnoux, «quando teu madeiro sagrado me prostar e despedaçar, dá-me apesar disso, a força de fazer a caridade do sorriso.»

Porque o sorriso é uma caridade.

Sorri ao pobre a quem acabas de dar dois tostões... à senhora a quem cedeste o lugar... ao cavalheiro que pede desculpas porque, ao passar, te pisou o pé. Às vezes é difícil encontrar a palavra exacta, a atitude verdadeira, o gesto apropriado. Mas, sorrir? É tão fácil... e com isso se consegue tanta coisa!

Por que não usar e abusar desse meio tão simples?

O sorriso é um reflexo de alegria. É a sua fonte. É onde reina a alegria — quero referir-me à alegria verdadeira, profunda e pura — também aí se acha aquela «alma amiga» de que tão bem falava SCHAEFFER.

Caminhantes, sejamos portadores de sorrisos, e com isso semeadores de alegria.

NO DIA 3 DE MAIO HONROU-NOS COM A SUA VISITA O EX.º CAPELÃO-CHEFE DA R. M. M., MAJOR P.º JOSÉ MARIA BRAULA REIS. NO DIA SEGUINTE O NOSSO ILUSTRE VISITANTE DIRIGIU-SE PARA TETE AFIM DE CONTINUAR A VISITA AOS CAPELÃES MILITARES DA REGIÃO.

Purificação mágica do pecador e da enfermidade

Para o habitante do INCARIO a explicação de todos os fenómenos é mágica. Deuses, demónios e espíritos povoam a terra e a atmosfera, o mesmo acontecendo com os vegetais, animais e minerais, que possuem vontade e vida. Destes deuses, os mais importantes são VIRACOCCHA: o SOL; a LUA, e a TERRA.

VIRACOCCHA é o Deus supremo, criador de todas as coisas, senhor da reprodução da saúde e da vida e afugenta da morte.

O SOL é filho de VIRACOCCHA que lhe comunicou a luz para que governasse os dias, os reinos e as coisas.

A LUA, irmã e mulher do sol, guiava todas as mulheres no duro transe do parto.

A TERRA é a deusa das colheitas, fecundada pelos ventos, que levavam as águas do lago TITICACA aos céus e as deixava cair sob a forma de chuva.

Além destes deuses principais havia outros próprios de cada localidade. A sua explicação do começo do mundo é análoga a muitas outras religiões. Até existe um dilúvio para castigar os homens, advertidos por demónios. Dessa catástrofe salvam-se apenas um homem e uma mulher que repovoarão o mundo. A partir dessa altura, começa-se a distinguir entre o bem e o mal. Da noção de pecado saem as práticas de adoração, confissão e purificação. É pecado, além da não adoração, o roubo, o assassinio, o estupro e a homossexualidade. Para se libertarem dos seus pecados, cujas consequências eram desgraças (entre as quais estavam incluídas as doenças) que podiam atingir não só o indivíduo pecador, mas toda a comunidade, costumavam confessar-se oral e secretamente — a sacerdotes com esta função — os «ICHUHI». Quando qualquer indivíduo estava em pecado e não se confessava voluntariamente, os restantes levavam-no ao confessor e aí o obrigavam a dizer as suas culpas. Como penitência jejuavam, comendo somente farinha de milho e abstinham-se de relações sexuais. Para eles um indivíduo pecador era abandonado pelos deuses protectores e tornava-se presa fácil dos demónios que

se introduziam no corpo e deturminavam a doença.

A purificação consistia na transferência do pecado para outro elemento exterior do corpo humano: água, fogo ou ar. O INCA rei-deus, confessava-se vocalmente ao seu pai, o SOL, e depois tomava um banho purificador dizendo: «eu confessei os meus pecados ao SOL, tu rio toma-os e leva-os para o mar e que eles nunca mais apareçam».

Anualmente no mês de Agosto quando começava a época das chuvas, em que precisamente havia maior número de doenças, celebrava-se em CUZCO, a capital, uma grande festa cujo objectivo era pedir saúde para todo o IMPÉRIO. Durante quatro dias sucediam-se os rituais de purificação e adoração, sendo uma espécie de profilaxia colectiva das doenças e enfermidade. Nesta festa não tomavam parte os estrangeiros e aqueles que por seus pecados já estavam assinalados: os enfermos e todos os que tivessem qualquer deformação, para que a sua desdita não trouxesse males.

As cerimónias iniciavam-se na praça do templo do sol, donde partiam as quatro estradas de CUZCO, em direcção aos pontos cardiais. Aí, estavam reunidos cerca de quatrocentos homens em traje de guerra, que, obedecendo a uma ordem de comando, se dividiam em quatro grupos, que tomavam cada um deles uma das estradas, gritando em coro: «Saia daqui o mal». A uma certa distância passavam palavra às gentes doutro povoação, que se ponham por sua vez a caminho, e assim sucessivamente, até chegarem a um rio onde tomavam banho e lavavam as suas armas purificando-as também.

Em CUZCO a vozeria era enorme, os habitantes sacudiam as mantas às portas das suas casas gritando, em grande alegria: «Vá o mal para fora que desejada era esta festa VIRACOCCHA nos permita ver no próximo ano festa como esta. Toda a noite dançavam e comiam os pratos mais apreciados, que propositadamente tinham guardado para aquele dia, fazendo para que aquela

abundância existisse durante todo o ano.

Ao amanhecer, iam-se lavar e confessar, libertando-se dos seus pecados.

As suas casas eram purificadas com farinha de milho para que nelas não entrassem os demónios. Nos dias seguintes, faziam-se sacrificios de animais sem defeito, cujo sangue juntavam à farinha de milho, que estava em grandes pratos de ouro. Esta mistura era

oferecida aos presentes que a comiam com grande devoção, consideravam grande pecado se alguma migalha caísse no chão. O nome que davam à farinha de milho era sancu e misturada com sangue era o Zaguar-sancu, que quer dizer sancu ensanguentado. Antes de tomarem esta espécie de comunhão, o Sumo-Sacerdote tinha avizado: Olhem como comem este sancu, pois aqueles que o comerem em pecado, com duas vontades e dois corações, o Sol o castigará. Estas práticas demonstram a doutrina que afirma que nada há de novo sobre a terra e que através de todos os tempos, o Homem, em todos os lugares, conheceu a presença de DEUS.

BATUQUE

Por Anunciação Prudente

Dum dum! Dum dum! Dum dum!
Na selva feiticeiro!
Dum dum! Dum dum! Dum dum!
Batucam os tambores sem parança
Aos clarões da fogueira!

E as tambazanas
Que já no largo espaço para a
dança,
De braços levantados
E mãos no ar, em concha,
Dengosas e apressadas,
Batem os pés no chão
Ficam hirtas paradas.

Uma delas grita.
E sai do longo friso,
esbelta, donairasa e quase nua,
calsanka e num sorriso,
levanta a face à Lua!

Ao sinal de outro grito,
avancam os bailarinos
de flechas empunhadas, quase nus,
só tapados no sexo
com peles de cabrito,
grandes cornos na testa
enfeitados com penas de avestruz.

E a dança começa!
Os negros bailarinos,
de quadris a gingarem
ondulações lascivas, enervados
num movimento doído e estivesito,
pernas a guisalharem
e bocas escancaradas!

Os corpos já suados
brilham à luz prateada do luar,
que afoga docemente
na noite pálida e quente,
numa carícia estranha
as formas delicadas
das tambazanas,
— estátuas negras esculpturais.

De quando em quando...

POR TERRAS DE SAZAIRE - ANGOLA

RECORDANDO

Esse ano dramático de 1969 — assinalado que foi na Vila Praia de Ancora pelo desaparecimento inesperado, numa traição, a manhã do dia 26 de Novembro do ano findo, na Guiné, com a sua morte injusta, do meu pobre amigo e furiel do Exército José Duarte Verde, companheiro de armas e infância.

Que posso escrever a teu respeito senão que viveste de menos na vida, que muitos já viveram demais e tão inutilmente?

Mas digo-te, apesar de tudo que a tua morte cobriu de luto uma Vila inteira e que todos os teus amigos derramaram nos seus rostos milhares de lágrimas e mais tarde desfolharam pétalas sobre a tua urna.

Meses se passaram e com estas simples palavras aqui estou rendendo-te a minha modesta homenagem e quando regressar à nossa terra natal, deporei na tua campa as mais belas flores da terra de que tanto falávamos — DO VALE DE ANCORA.

E aqui te deixo o meu adeus, tão grande e tão sentido, que há-de alcançar-te onde a paz e o amor são realmente puros e autênticos.

Do teu amigo

CONDE DO VALE DE ANCORA

Norte de Angola — 1970

DROGA — Chave do mundo da irresponsabilidade

Iniciou-se recentemente uma campanha de informação sobre os perigos do uso da droga, a nível escolar e entre os últimos anos dos liceus de Louraço Marques, com a distribuição de um folheto, que publicamos, quase integralmente abaixo.

Esta campanha tem em vista o esclarecimento da massa jovem sobre assunto tão espinhoso, já que parece difundir-se, embora somente entre grupos restritos, o uso da droga na cidade, o que criou às autoridades competentes o problema e obrigação de abster, na medida do possível, à expansão desse hábito pernicioso. Essa campanha incluirá conferências com assistência, tanto por parte de alunos como dos encarregados de educação. Dado o interesse desta campanha, referimos o folheto, bem como, oportunamente, incluiremos nesta página qualquer aspecto referente ao combate à droga entre a juventude.

Tudo o que se relaciona com a utilização das drogas é complexo, mesmo a apreciação dos seus efeitos. No entanto, há dois métodos principais de os conhecer: perguntando as impressões dos que a elas recorrem e estudando no laboratório as reacções do homem ou do animal sob a sua acção. Um e outro método têm as suas vantagens e os seus inconvenientes. Uma descrição pessoal da que se sente por ser vaga, inexacta ou limitada a um determinado indivíduo num ambiente especial.

Pela contrário se as experiências cuidadosamente controladas no laboratório produzem resultados verificáveis excluindo qualquer erro, essas experiências podem ocultar muitos elementos essenciais à compreensão do ser humano. No laboratório, um rato drogado pode perder algumas das suas inibições naturais aceitando em fazer o que recuzaria normalmente, como por exemplo pisando uma barra incandescente, mas este exemplo não nos auxilia a compreender as reacções de um homem perante a sua carreira frustrada, pois o recurso à droga é um estalo no qual se reflecte uma vida inteira e o modo como foi vivida.

A solução consiste, pois, em combinar os métodos, estudando a farmacologia, as experiências clínicas e os utilizadores da droga no seu próprio meio.

Do natural ao sintético

Existe uma variedade imensa de drogas.

Podem-se classificar muito simplesmente em produtos naturais e sintéticos. A seguir distinguem-se as drogas que acalmam e anes-

tesiam das que animam, estimulam e excitam o organismo. Existem por último, também, os alucinogéneos. Todas estas drogas, não será demais repeti-lo, têm efeitos benéficos quando são utilizadas correctamente. É só quando há abuso prejudicial para o interessado ou para a sociedade afectada por estes excessos que convém procurar remediar-lo.

Conhecemos pelas mais antigas e as melhor conhecidas das drogas naturais, ópio cannabis, folhas de coca. Quando se esgravata ou incisa a cápsula da flor da papoila, sai uma resina pastosa, o ópio. Sob esta forma bruta, pode-se comer, beber ou fumar. Os processos de extracção permitem tirar do ópio a morfina e um outro produto mais potente, a heroína. Qualquer que seja a sua forma, os efeitos gerais destas substâncias são quase os mesmos.

O ópio e os opiáceos acalmam, suprimem a dor e aliviam a ansiedade. O mecanismo exacto dos seus efeitos é mal conhecido.

Parece que exercem um efeito sedativo sobre certas regiões do sistema nervoso central e tendem deste modo a reduzir a fome, a sede, as necessidades sexuais, a dor e a dor. Não parece no entanto afectarem a capacidade do indivíduo para trabalhar ou reagir a situações experimentais diferentes.

Morfina, heroína ou outros opiáceos produzem dois efeitos fisiológicos acessórios importantes — a tolerância e a dependência. A tolerância significa que o drogado tem necessidade de quantidades sempre muito maiores para obter o mesmo efeito. Tem-se assinalado doses de morfina da ordem das 5 gramas (quer dizer 500 ve-

zes a quantidade necessária para suprimir a dor) sem que o interessado sofra, aparentemente efeitos nefastos. Quanto à dependência física, constitui um fenómeno complexo de hábito do organismo ao efeito da droga. A supressão brusca da droga provoca graves sintomas característicos do síndrome da abstinência: náuseas, vômitos, diarreias, sudção «pele de galinha», coimbras dolorosas.

Mesmo a acção dos opiáceos sobre a dor é complexa. Várias experiências têm demonstrado que a dor propriamente dita continua a ser apercebida e que o alívio é provocado psicologicamente por uma antecipação da diminuição dos sofrimentos a suportar.

Enfim todos os observadores estão de acordo em julgar que as modificações do comportamento são influenciadas pelo modo da administração da droga, a sua dose, a personalidade do indivíduo e mesmo das pessoas que o rodeiam.

Não importa quem possa tornar-se fisicamente dependente da morfina — em geral é necessário duas ou três semanas em condições clínicas —, mas na vida real, cada factor individual tem neste caso a sua importância. O jovem drogado da rua, por exemplo, ignorará na maior parte das vezes a potência da droga com a qual se injecta. A sua dependência física dependerá, segundo o seu ponto de vista, do número de vezes que a ela recorra e do modo de administração. De facto, uma falsa dependência que se poderá designar por «injectomania» produz-se quando o indivíduo se crê já toxicómano — sem o ser na maior parte das vezes. Isso verifica-se quando se suspende a droga pois apenas aparecem sintomas ligeiros de abstinência.

O rato, tal e qual como o homem, pode facilmente tornar-se dependente da morfina. Tem os mesmos sintomas de intoxicação, reclama a sua dose de morfina, e quando esta lhe é retirada, manifesta os mesmos sintomas clássicos do síndrome de abstinência.

É surpreendente verificar que o rato completamente afastado da sua droga tem, como o homem, mais tendência a recair na toxicomania do que os que nunca to-

maram a droga. Julgava-se que se tratava de um reflexo condicionado — a droga estando associada ao alívio das dores da abstinência —, mas descobriu-se que é possível criar ratos possuindo uma tendência inata à dependência. Isto parece indicar que existe um factor hereditário na toxicomania.

A mesma planta

A planta que tem o nome de «cannabis» possui uma variedade enorme de designações: marijuana, cânhamo indiano, kifdagga, hachich suruma, etc. Apesar de se ter isolado o seu princípio activo, os seus efeitos são menores que os de ópio. As suas folhas ou a sua resina pode ser fumada, bebida ou comida, (sob forma de «rebuçados»). Os efeitos gerais da «cannabis» parecem traduzir-se pela libertação de certas inibições acompanhadas de alucinações ligeiras. Nala-se em geral uma sensação de bem-estar ou pouco apetetada, pontuada muitas vezes por risos involuntários. A cannabis não parece afectar o sono e pode estimular ligeiramente o apetito.

Há quem afirme que libertando das inibições esta droga leva à violência e ao crime, mas para outros estudiosos do assunto, provoca uma intoxicação ligeira cujos efeitos se pareçam mais com os do álcool.

A comissão dos peritos da Organização Mundial de Saúde que se dedica às drogas que levam à dependência exprime-se em termos moderados. Verifica que a «cannabis» cria a hilariedade, aumenta a loquacidade e a sociabilidade. Uma dose suficientemente forte perturba a percepção, sobretudo a do tempo e do espaço e altera a faculdade de julgamento e a memória. Surge também uma deformação das reacções emotivas que podem manifestar-se por irritabilidade ou confusão. Para alguns, esta droga actua como um alucinogéneo baixando o limite das sensações, dando mais cor às imagens e mais acuidade à audição musical. Quanto à ansiedade e agressividade, podem resultar de uma confusão intelectual e sensorial. Não existe dependência física e parece que a «cannabis»

(Continua na página 5)

NEO-REALISMO

O NEO-REALISMO não é uma tendência especificamente cinematográfica. Pouco antes da paz de 45, desenvolvia-se com maior ou menor força, na Arte e na Literatura. Ali, submetia-se a uma disciplina e a um rigor ideológico que o caracterizava insofismavelmente. Tentava-se colocar a «sociedade acima dos homens concretos que a constituem, reduzir a existência a um jogo de formas políticas, económicas e sociais que se podem dirigir e que o homem pode sujeitar às suas concepções, substituir o divino pela entidade abstracta e imprevisível, que é a história.»

Quando se suspenderam as hostilidades, surge em Itália o NEO-REALISMO cinematográfico. No cinema italiano houve sempre uma tendência acentuada para certo tipo de forma populista. Desde sempre os cineastas procuraram no povo e no seu sentir, os fundamentos da expressão cinematográfica, definindo assim, um estilo nacional.

Um certo realismo populista se formava, tomando força e vida. «ROMA, CIDADE ABERTA» e «LIBERTACAO» de ROSSELLINI são verdadeiramente a confirmação de uma tendência, cuja classificação genérica estava ainda por fazer. Os críticos cognominaram de neo-realistas os filmes de semelhante tipo, marxizando-os na interpretação. O rótulo foi na altura uma habilidade genial. Embrulhados na paz e na derrota, os comunistas confundiam-se extraordinariamente bem com quaisquer outros patriotas. Patriotas e comunistas eram iguais — até porque a miséria, a fome, os destroços e a sangueira aflição, por igual, todos os homens, qualquer que fosse a sua ideologia. Os protestos e os gritos de sofrimento erguiam-se unânimeamente de todos os partidos, e, todos os partidos aceitavam o partido comunista como outro qualquer partido democrático. E como as preocupações de Rossellini eram as de todos os italianos, tudo se confundiu como as preocupações dos comunistas. E assim ficou o neo-realismo italiano amarrado ao marxismo dos seus primeiros analizadores teóricos.

Quando o Governo Democrático-Cristão depurou de comunistas os quadros educacionais, a discussão, azeitando-se no plano estético, azeitava-se também no plano político. A partir daí houve que considerar como neo-realistas os filmes cujas ideias sofriam de mar-

xismo e, como não neo-realistas, os que considerando o homem como um ser transcendente, acreditavam que, nem a economia, nem a política, nem a luta de classes, o impediriam de se salvar. Os críticos não concordaram com tal divisão e discutiram para além dela, a verdadeira natureza do neo-realismo verificando a sua essência e transcendente, claramente afastada de quaisquer preocupações de ordem económica e política. Não é ainda e apenas o gozo líbrico das formas, que, mais tarde, desvirtuaria a escola. É, todavia, como afirma Rossellini, «Uma aproximação moral da realidade que se transforma num facto estético». O neo-realismo intenta, pois, em 1.º lugar, revolucionar o homem; só depois revolucionará a sociedade; o homem é por si mesmo princípio e fim de todas as coisas humanas.

Zavattini pregava um realismo documentarista; Visconti considerava como neo-realista tudo o que historicamente se relacionasse com a actualidade viva dos problemas presentes; Michelangelo Antonioni afirmava que o único meio de prolongar útilmente o neo-realismo era interessá-lo mais pelo interior, desprezando o exterior exprimindo sentimentos em vez de mostrar ambientes. Guido Aristarco, director do Cinema Nuovo, só considera neo-realistas os marxistas e entre eles, os que se atêm cientificamente à realidade social concreta do momento histórico. E os adversários deste neo-realismo são considerados pelo mesmo director como fascistas com ou sem camisa negra. Mas nem mesmo os neo-realistas mais próximos do Comunismo, como Visconti, permaneceram no quadro estreito dum neo-realismo socialmente operante, revolucionário no conteúdo e documentarista na forma. Se nas primeiras obras o conseguem, nas mais recentes resvalaram para uma certa poesia ou para um certo realismo existencialista. Ora esta concessão à beleza puramente formal é já uma adulteração ideológica da escola. E a esta adulteração não é estranha a extraordinária influência do universo Felliniano, recriação dos primeiros tempos de «ROMA: CIDADE ABERTA» exemplar viva de um sentimento poético e de um corajoso modo de pôr a personalidade do

autor no centro de um juízo existencial.

O NEO-REALISMO assim entendido manteve-se misterioso e impenetrável, indefinível e criador. Ao mesmo tempo que nos dá um «ROCCO e SEUS IRMAOS» oferece-nos «AS NOITES DE CABIRIA» dois polos opostos da interpretação da mesma realidade. Aparece-nos, pois, com duas faces: uma anti-marxista, com Rossellini, Fellini, Castellani, etc. Outra marxista com Antonioni, Francesco De Seta, Vittorio de Sica, De Santis, Alberto Lattuada e Lucino Visconti, todos comunistas ou comunistas. Todos estes, nos primeiros anos, quando o neo-realismo era aparentemente uma unidade, escreveram argumentos para uma e outra parte. Com efeitos, os artistas julgavam que as necessidades da criação terminariam por dominar os comunistas; e os comunistas, por seu lado, pretendendo infiltrar-se, aceitavam escrever tudo, desde que, aqui e ali, numa cena, numa sequência, etc., o sentido final da obra pudesse ser analisado em função das suas necessidades revolucionárias. Só com a definição ideológica das diversas personalidades é que as posições se demarcarão definitivamente.

Assim aconteceu. Em 1947 o comunista Giuseppe de Santis dirige a primeira obra, predominantemente comunista, do neo-realismo «Caccia Tragica». A questão essencial do neo-realismo põe-se imediatamente em toda a sua rudeza. O filme de De Santis era um dramático apelo à revolta camponesa, e propunha sem rebuço, que os aldeões pegassem em armas e esbulhassem os senhores latifundiários das suas terras e suas casas. O neo-realismo transformava-se, deste modo, na bandeira da revolução, desagregando-se a sua unidade.

Visconti em «La terre trema» definiria melhor o problemática do neo-realismo sem chegar aos impetuosos extremos de «Caccia Tragica». Pôr a problema e resolvê-lo são duas coisas distintas, escreveria Tchekov; «o artista tem apenas uma necessidade absoluta: «pôr o problema». Visconti em «La terre trema» põe o problema que se resolve, finalmente, em «Rocco e seus irmãos» na união dos homens que querem pôr termo ao seu sofrimento. A batalha só é

ganha graças à solidariedade de todos.

É o apelo à revolução; é o grito escaldante que reclama a união dos proletários de todo o mundo: um por todos e todos por um. É, finalmente, a definição de um neo-realismo cuja fundamentação marxista o afasta decididamente das primeiras obras da escola que tinham por fim dar-nos apenas uma imagem objectiva dos horrores da guerra, sem considerarem que a hecatombe tinha a sua origem primária em determinado sistema económico. Sem que se revolucionem os fundamentos duma sociedade alicerçada exclusivamente em factores económicos, a luta de classes é e será sempre uma fatalidade e não será possível fazer paz, igualdade e fraternidade entre os homens.

Assim considerado, o neo-realismo italiano, sendo marxista, é o ramo circunstancial, na sociedade capitalista, do realismo socialista. Diverge deste, na problemática, porque a realidade, que o alimenta é outra. Implantada que fosse a ditadura do proletariado, transformar-se-ia em função da nova conjuntura. Por agora é uma arma da revolução em marcha.

A outra face do neo-realismo, a face transcendente, encontrou em Alexandre Blasetti, Augusto Genina, Rossellini, Castellani e Fellini os seus grandes cultores.

ALEXANDRO BLASETTI: é ideologicamente um híbrido. Foi fascista durante o fascismo e é o que quiseram que seja agora e sempre.

AUGUSTO GENINA: pelo contrário manteve-se coerente consigo mesmo após a queda de Mussolini. «Céu sobre o pantano» é, com certeza, uma das obras mais extraordinárias do cinema moderno. Ao homem produto da sociedade económica que só se redimiria após a revolução, opõe o homem que se redime pelo sofrimento e pelo martírio ajudando o próximo a encontrar o caminho da Redenção.

CASTELLANI: é um caso muito especial no neo-realismo. Nos seus três filmes «Sobre o Sol de Roma», «Primavera» e «Dez reis de esperança» há um sentido optimista da vida e um lirismo que não são características dominantes do neo-realismo e há, ao mesmo tempo, uma ternura e uma compreensão

ITALIANO

pelos desvarios dos homens com objectivos revolucionários marxistas. Procurou na forma do neo-realismo a maneira de plásticamente traduzir a Itália. As suas obras, neo-realistas na exteriorização formal, são fundamentalmente populistas: descrevem o povo, tentando aproximar-se dos seus sentimentos e caracteriologia, sem pedir responsabilidade a nada e a ninguém.

FELLINI: Ao contrário de Castellani, entra decididamente pelo neo-realismo, opondo-se à marxização do género. Ao sentido socialmente generalizante dos marxistas, opõe, Fellini, o sentido particularizante dum isatórico cristianismo.

É dos primeiros a cortar as amarras que, então, prendiam, em plena resistência, o neo-realismo ao vitorioso carro da estética marxista. Embora continuando a cognominar-se de neo-realista, abandona e combate a maioria dos postulados que G. Aristarco fez aprovar como essenciais não só à escola como ao próprio cinema.

Aos marxistas a que interessa é a experiência social verificada através da dialéctica de Marx; em Fellini a que domina é a experiência pessoal. Os marxistas classificam o homem em função dum conceito abstracto de sociedade; Fellini tenta compreendê-lo pelo prisma subjectivo da própria vivência. As personagens do neo-realismo marxista são generalizantes; as de Fellini circunscrevem-se ao pequeno mundo material e espiritual do seu Criador. O que conta para Fellini é o que ele viu, sentiu, pensou e sonhou. O que conta na sua obra é o que ele mesmo viveu e sofreu. A personagem central da mitologia Felliniana é, pois, ele próprio: personagem que se repete, se alonga e se universaliza em cada obra de Fellini. Personagens que, uma e outra vez, de si para além dramatizará, vivendo no seu ambiente natural. Desta forma, cada filme de Fellini, segundo ele mesmo confessa é uma tentativa de demonstrar que as nossas angústias, terrores e fraquezas têm origem na ausência do amor. Seria através de si mesmo e da sua existencial experiência do mundo que Fellini glosaria este tema maior da sua obra. Parece andar em busca da

Verdade Absoluta. Procura o Amor como quem procura o Santo Graal.

É, porém, em «Noites de Cabiria» que Fellini concretiza melhor a sua temática fundamental.

Cabiria procura o amor como quem procura água para matar a sede. Deseja um amor puro, isento de mácula, capaz de lhe redimir o corpo vendido todas as noites. Não consegue. Mesmo assim, cheia de esperança, continua estrada fora, sorrindo nos lábios, disposta a recomençar. Cabiria não precisará dos outros para encon-

trar o amor. O amor reside nela.

O neo-realismo sublima-se, assim, com Fellini. Torna-se um realismo existencial. Os dramas são autênticos, as personagens verdadeiras e a própria atmosfera cinematográfica ressuma autenticidade. Com Fellini atingiu o neo-realismo o zénite da sua ascensão. As consequências culturais do seu trabalho repercutiram-se no mundo inteiro. Como consequência uma outra arte das imagens — Culturalizada — parece surgir. O cinema literário aparece hoje como cinema do futuro.

DROGA — Chave do mundo da irresponsabilidade

(Continuação da página três)

não produz uma alteração duradoura do espírito, se bem que as pessoas predispostas possam manifestar psicoses passageiras.

A coca cultivava-se perto dos Andes. Os índios que habitam perto dos planaltos mascam as folhas. Uma linha traçada à volta desta região, desde o norte do Chile até ao Peru, incluindo a maior parte da Bolívia, englobaria quase toda a população que no mundo masca a folha de coca. É destas folhas que se extrai a cocaína, um dos estimulantes mais violentos que se conhecem. Porém, o seu emprego tanto médico como ilícito, tem diminuído muito. Actualmente existem apenas algumas zonas onde é introduzido por con-

trabando e utilizada como estimulante.

Ao contrário do ópio e da «cannabis» a cocaína parece provocar excitação eufórica, por vezes, alucinações, mesmo estados paranoídes. Mascando as folhas de coca, os índios sub-alimentados e miseráveis dos altos planaltos consomem uma quantidade de princípio activo apenas suficiente para apaziguar a fome que os rói e a fadiga que os oprime. Mas nas regiões mais ricas onde esta droga serve de excitante, é de uso cheirar a cocaína, ou recorrer a injecções intravenosas que aumentam o efeito de uma forma considerável. Em alguns casos, combina-se a cocaína com a heroína.

(Conclui no próximo número)

«A Saudade»

Saudade, palavra triste
Que a vida me ensinou
Saudade de alguém que existe
Que partiu mas não voltou.

Tentei a saudade enganar
Mas fui eu o enganado
Hoje sei; não posso olvidar
Quem me traz amargurado

Por mais que alguém tente
Ninguém consegue escapar
Da saudade do amor ausente
Que por certo o faz chorar...?

Alegria
Distante oásis
No deserto sem fim
Da minha existência
Ilha ignota
Inacessível
Num mar de gelo

Alegria
Cometa que passa
Que corta o negro
Da minha alma
E logo se perde
No escuridão da noite

Alegria
Algo que vejo
Que sinto em redor
Da couraça impenetrável
Da minha tristeza
E nela se desfaz
Sem me contaminar

JORGE ALEXANDRE
Furriel Miliciano

Quadras soltas do Poeta ANTÓNIO ALEIXO

Ser criada de um ricoço
Desses que temos a rodos
É dar o primeiro passo
P'ra ser criada de todos.

Roubou-lhe o primeiro beijo
O patrão que a iludiu
Hoje o seu corpo é sobejo
Da casa onde serviu.

Perdida de canto em canto
Dormindo em qualquer portal
Se era rica causa espanto
Se era pobre... é natural.

Há tão pouca coisa boa,
Tanta má por boa escrita,
Que quando o bem se apregoa
Quase ninguém acredita.

Nem sempre temos razão
Nos defeitos que apontamos
Nem todas as coisas são
Como nós as encaramos.

Se andam mal acho decente
Não a dizer por detrás
Dizê-lo de frente a frente
Magoa mas satisfaz.

Se o mundo inteirinho risse
Não existia amargura
É o que seria a fatura
Se a fome não existisse.

Não vêes? Onde um pardal poisa
Poisam todos os pardais
Nós somos a mesma coisa
Onde um vai, vão os demais.

PENSAMENTOS

«Príncipe! O que saís deves
ao acaso e ao nascimento. O
que eu sou a mim o devo. Prin-
cipes há muitos e há-de ainda ha-
vê-los por muito tempo. Beetho-
ven, só um existe.

• • •

«O homens que me considerais
um misantropo hostil e intratável
Nascido com um temperamento de
fogo, tive de isolar-me, levar uma
vida solitária. Estive perto do de-
sespero. Pouco faltou para que
pusse fim à minha vida. Só a
ARTE me deteve a mão.

Bi-centenário de Beethoven

Por CRUZ E SILVA

Em Dezembro de 1770 (descobria-se o dia) nasceu na cidade Alemã de Bonn um dos maiores génios da Humanidade cuja vida foi sempre agitada pela paixão mais sublime da música só susceptível de se verificar num homem excepção: a Arte na sua forma mais pura e perfeita. Se BACH e HAYDN, seus antecessores e mestros, foram compositores sublimes, não deixaram de estar condicionados pelos convencionalismos da época. Ora as convenções sociais podem permitir artistas mas não génios.

Beethoven excedeu-se porque, além de artista, foi o maior génio musical de todos os tempos, ultrapassando a natureza humana a tal ponto que chegou a ser a personificação da própria música. Só ele compreendeu a metafísica dos complexos sonoros que pairam na natureza, aproveitando-os para exprimir toda a gama de sentimentos que fazem do homem o ser mais irrequieto da criação: amor, ódio, ambição, desejo, revolta, luta e resignação.

Podemos dizer que toda a vasta obra de Beethoven (sinfonias, óreas, cantatas, sonatas, canções, Missas, fugas e Marchas) é um tratado de metafísica em que se demonstram as limitações do homem que, por mais batalhas épicas que trave contra o destino depara sempre com duas, e só duas alternativas: aniquilamento ou inconfirmação.

O Génio de Beethoven oscilou entre estes dois polos. Tendo perdido a Mãe muito cedo apenas o avô foi a única oásis na sua infância atormentada. Mas também a morte lhe arrebatou essa fonte de afecto e, desde então, o sofrimento moral e o desespero foram os seus companheiros permanentes. A cada momento de acalmia seguia-se uma onda de revolta mas, apesar de tudo, nunca deixou de humanizar-se.

O homem que muitos consideravam misantropo amava a Humanidade e, por isso, admirou Napoleão por ver nele o mensageiro dos ideais da Revolução Francesa. Porém, quando Bonaparte se coroou Imperador, Beethoven exclamou com voz irada: «É um homem vulgar entregue à

sua ambição. Vai calcar todos os direitos humanos e tornar-se um déspota».

Concedia apenas valor à ARTE e desprezava os poderosos, apelidando-os de lixo do mundo. Apenas houve um encontro entre Beethoven e Goethe, porque um abismo imenso os separava. O poeta e escritor nunca poderia compreender Beethoven, pois enquanto este se humanizou no cadinho do sofrimento, a longa vida de Goethe decorreu sempre serena, sem contrariedades. Estes dois Génios universais constituíam uma excepção à regra que afirma: os extremos tocam-se.

No dia 26 de Março de 1872 Beethoven entra em agonia que durará 48 horas. Desencadeia-se violenta tempestade. De repente, um trovão ribomba e faz estremecer a leito do moribundo. Beethoven, num gesto brusco e enérgico, afasta o cobertor e ergue para o alto o punho cerrado, última atitude de revolta contra o destino e minutos depois expirava.

Espontânea manifestação popular

(Continuação da página um)

... muito contentes. Ainda vão mais uma vez agradecerem de toda a população por se encontrar a viver em uma ótima vida pela valiosa ajuda da tropa que é nossa amiga. Ao Ex.mo Senhor Administrador, nosso bom pai que com a nossa amiga tropa tem trabalhado bondosamente pelo bem estar da população, vão também agradecerem e pede que Deus Vos acompanhe no desempenho desta tão requintada obra de benefícios. Senhor Comandante mais do que isto não há senão os mais agradecimentos e contentíssima está a população de Sanga-Miranda pela belíssima obra e bondade com que tem a que vos deve. Aos Senhores Oficiais, e mais que debaixo de V. Ex.ª trabalham junto agradecemos igualmente. Aqui eu e os meus colegas e em nome dos alunos desta nossa querida escola vos agradecemos bastante também pelo benefício e atenção com que nos distinguistes.

E para terminar apresento a todos os que vieram cá participar esta festinha as minhas saudações.

**VIVA SENHOR COMANDANTE!
VIVA SENHOR ADMINISTRADOR!
VIVA MOÇAMBIQUE!
VIVA PORTUGAL!»**

O Comandante da unidade agradeceu a manifestação e mandou distribuir rebuçados às crianças, vinho e sal pelo resto da população. Foi o delírio!... Seguiu-se um batuque e por fim recolheram a suas casas cheios de alegria.

O uso do anel

No nosso tempo, o anel já não tem carácter oficial, a não ser o anel que os noivos trocam como penhor do seu futuro casamento ou aquele que metem no dedo ao casar, a aliança de casamento.

Fora disso, o anel é apenas um adorno elegante, um meio cómodo de cada um transportar consigo uma parte da sua grande, pequena ou média fortuna...

Mas nem sempre foi assim. Na origem o anel era um objecto puramente utilitário, mesmo indispensável. Sim, o anel também tem a sua pequena história.

A moda de usar anel teria nascido de um orgulhoso sentimento de ostentação?

Nada disso. O anel foi inventado por pessoas extremamente civilizadas. Nasceu da necessidade de cada um trazer consigo um sinal de identificação. Numa época em que poucos pessoas sabiam escrever, o anel era um meio de autenticar, com uma marca pessoal, que substitua a assinatura, qualquer documento escrito, um contrato ou um compromisso.

Desde a alta antiguidade que Babilónios e Assírios usavam, preso por um cordão, à cintura, uma

espécie de selo gravado em pedra que impunham na cera ou na argila das lâminas em que inscreviam os seus contratos e os seus tratados até mesmo a sua correspondência.

Por vezes, porém o cordão emaranhava-se ou quebrava-se. Um homem astucioso imaginou então fazer esse selo ou sinete numa espécie de arca de metal que o seu proprietário metia no dedo. Nasceram assim o anel de sinete, que certas pessoas ainda usam com as suas iniciais ou o seu braço, quando é caso disso.

Em breve o anel perdia o seu aspecto utilitário para simbolizar acima de tudo a personalidade e o poderio do seu possuidor. Ao morrer, Alexandre Magno querendo designar sucessor, entrega o anel que usava a Perdicas seu lugar-tenente. Assim, pouco a pouco, o anel tornou-se um sinal de aliança e afeição. Dar o anel a alguém era dar-lhe a sua confiança, e de certo modo, entregar-se a si próprio. É o que explica a origem dos anéis de noivado e das alianças de casamento, que noutros tempos eram formadas por dois anéis reunidos por laços de ouro...

Usava-se o anel no quarto dedo da mão, que assim tomou o nome de «anelar» ou «anular». Na Idade Média, e, principalmente na Renascença, os anéis começaram a ser adornados com pérolas e pedras preciosas. Para os valorizar eram usados por cima das luvas e mesmo no dedo indicador.

O sentido simbólico de aliança tinha feito surgir em Veneza um curioso costume. Todos os anos, no dia da Ascensão, o Doge — chefe da cidade — rodeado de todo o Senado, embarcava numa gôndola enfeitada e lançava solenemente ao mar um anel de ouro. Assim renovava o noivado de Veneza, grande cidade marítima com os águas do mar a que devia o seu poderio e a sua riqueza.

Os antigos atribuíam por vezes a certos anéis, poderes misteriosos, e nesse caso tinham inscrições cabalísticas ou o signo de Zodíaco, sob o qual a pessoa nascera. Em nossos dias os anéis retomaram o papel de simples jóias. Pela sua forma delicadamente trabalhada, pelas pedras encastoadas, alguns deles constituem verdadeiras obras de arte e valem fortunas.

O perigo dos vulcões «extintos»

O que a seguir se pode ler foi extraído dum artigo por HAROUN TAZIEFF, no «courrier de L'UNESCO», de Outubro de 1967. O autor é um geólogo belga especialista em vulcanologia.

Poderá pensar-se que a morte, nalguns minutos, de cem mil, cento e cinquenta mil ou mesmo um milhão de pessoas só poderá resultar do desencadear duma guerra nuclear. Tal não é certo, pois a evidência geológica acabou por me convencer que a humanidade teve até hoje uma sorte prodigiosa e que as catástrofes de Pompeia e de S. Pedro de Martinica nada são, ao lado do que poderá vir a acontecer.

Embora essas trinta ou quarenta mil pessoas mortas pelo sopro de um vulcão seja algo de terrível, as cidades eram pequenas, comparadas com as grandes cidades modernas que podem estar ameaçadas por uma erupção vulcânica num período mais ou menos longo; tais são Nápoles e Roma, Portland e Seattle, México, Bandung, Sapporo, Oakland, Catania, Clermont-Ferrand! Roma? direis vós. Portland? Clermont-Ferrand? Sim! Os vulcões vizinhos dessas cidades e oficialmente consideradas como extintos não estão mortos a não ser para aqueles que não sabem ou que não querem ver.

Os homens esquecem facilmente. As catástrofes, quer de origem política, quer de origem natural uma vez terminadas, não influem mais sobre o seu comportamento e, ao fim, e ao cabo, não lhe ensinam grande coisa. Se um vulcão dorme há um século, ninguém ou quase ninguém o considera como tal.

Ora os vulcões são animais geológicos: a sua unidade de tempo, não é o ano, nem mesmo o século, mas muitas vezes o milénio, a dezena de milénios; um período de mil anos para eles é pouco, no passo que para a humanidade que vive à sua sombra é uma eternidade de esquecimento.

Assim são os vulcões do maciço central em França, os do Latim, do Oregon e da Califórnia, embora estes últimos tenham tido erupções bastante numerosas, mas fracas, ao longo do século passado e mesmo com o pico Lassen em 1916. Mas Clermont-Ferrand? Direis vós. Roma? Pois bem lá também, embora os habitantes não o saibam apenas alguns milénios os separam das últimas erupções. Ora, ao longo da história dos vulcões que têm milhões de anos, concerteza que as acalmias de dezenas ou mesmo de centenas de séculos têm sido numerosas e nada permite afirmar que a tranquilidade actual significa o fim da actividade e não um desses repousos.

Evidentemente que a própria duração destes períodos de tranquilidade deixa prever que poderão passar séculos, dezenas de séculos, antes que Clermont-Ferrand, Roma ou Seattle sejam destruídas. Mas, quem sabe? Talvez seja muito menos do que isso.

As duas erupções de maior violência que se registaram no nosso século resultaram de vulcões aparentemente extintos: uma verificou-se em Ktmai, no Alasca, em 6,7 e 8 de Junho de 1912 e a outra em Bezymianny na península de Kamchatka a 30 de Março de 1956. Se pouco se sabia acerca de Ktmai e dos vulcões vizinhos, julgava-se conhecer bem, desde há dez anos, a cadeia vulcânica onde se encontra Bezymianny. Esta erupção destruiu a parte superior da montanha, projectando detritos até 40.000 metros de altura, varrendo como um sopro as florestas que se estendiam na sua base, queimando árvores como se fossem fósforos. Se não houve vítimas como aconteceu no Alasca 44 anos antes, foi porque as regiões

cram praticamente desertas.

Que aconteceria se um cataclismo da mesma envergadura se produzisse em Java ou no Japão? De resto, um tal cataclismo, felizmente de proporções mais reduzidas, teve lugar há 15 anos, quando da erupção da Nova Guiné, numa montanha de que ninguém suspeitava a natureza vulcânica: de facto o monte Lamington, situado na extremidade oriental dessa grande ilha, era considerado como uma montanha ordinária, até que a 16 de Janeiro de 1951 se notou uma fina columna de fumo a sair do seu cume.

No dia seguinte, notaram-se ligeiros tremores de terra na região da base da monta-

na. A saída de gás e os abalos aumentaram nos dois dias seguintes e começou a sair um pouco de cinza. A 20 de Janeiro a erupção tornou-se espectacular; o rolo de cinza e fumo elevava-se a mais de 10.000 metros de altura e os estrondos ouviam-se a várias dezenas de kms.

No Domingo, 21 de Janeiro, um rugido contínuo saía do vulcão e às 10,40 explodiu: nalguns instantes um formidável turbilhão de gases, carregados de cinzas, matérias vulcânicas e blocos de pedra, atingiu uma altura de 15.000 metros, formando um cogumelo monstruoso, ao mesmo tempo que no solo uma nuvem ardente se propagava com velocidade impressionante. Foram devastados 250 km. quadrados e houve 3.000 mortos.

CONTESTAÇÃO

(Continuação da última página)

tada do homem, reflectem-se na Igreja as mesmas tentativas de contestação. A contestação encontra-se levada para a Igreja, sociedade fechada, enquanto vive uma vida à parte, de preocupação própria, de um projecto abstracto sem solidariedade real com o destino histórico dos homens.

A contestação incide sobre a Igreja, sociedade que aparece a certos núcleos cristãos, modelada em excesso sobre a sociedade civil e mesmo frequentemente em atrazo em relação a ela. E então não é uma actualização qualquer com quaisquer reformas litúrgicas que deixam na realidade os problemas de fundos intactos, cala aos contestatários a sede da reforma. Querem introduzir na Igreja um sopro novo de que se julgam portadores, sopro de libertação e de responsabilidade, reivindicação do homem contra as estruturas impessoais e sufocantes.

Contesta-se a distinção Igreja-mundo, espiritual-temporal.

Certamente que esta contestação não é nova. Sem marcada está na parábola do fermento. Aquele punhado de farinha, que depois de entrar em crise vital em si mesmo, põe em crise a sossegada massa, levedando-a. Mas o

que é novo é a amplitude que toma particularmente na camada jovem; mas o que é novo é que esta denúncia provém de membros responsáveis desta mesma sociedade; mas o que é novo é o modo nem sempre razoável, como a contestação é feita.

Esta contestação jovem, para ser autêntica, há-de ser:

— Uma reacção contra a tentativa de conciliar o Evangelho de Cristo com uma necessidade deontológica de segurança;

— um prevenir para que as esferas católicas vivam sempre como pensam e não acabem por pensar como vivem;

— não deixar que uma religião livremente aceite, acabe por ser arranjada numa religião aceitável;

— um querer elevar a vida dos católicos à altura da sua fé e não abaixar a fé ao nível da sua vida.

Como diz Monsenhor Marty, Deus não é conservador.

Há que fazer a descoberta da força do Evangelho. Saber que o Evangelho é uma potência de vida capaz de petar muito no destino histórico da humanidade, o que se há-de viver num partilhar fraterno da existência com todos os homens.

PASSATEMPO CULTURAL

QUERES SER FELIZ?

- 1.º Ama a humanidade.
- 2.º Tem sempre presente que, não só és responsável pelo mal que fazes, mas também pelo bem que deixas de fazer.
- 3.º Faz o bem pelo amor do próprio bem.
- 4.º O verdadeiro culto consiste nos bons costumes e na prática das virtudes.
- 5.º Escuta sempre a voz da consciência: é a teu juiz.
- 6.º Trata de te conhecer; corrige os teus defeitos e vence as tuas paixões.
- 7.º Nos teus actos mais secretos supõe sempre que tens o mundo por testemunha.
- 8.º Ama os bons, anima os fracos, fuge dos maus, mas não odeies ninguém.
- 9.º Fala sóbriamente com os Superiores, prudentemente com os iguais, abertamente com os amigos, benevolamente com os inferiores, leal e sinceramente com todos.
- 10.º Diz a verdade, pratica a justiça, procede com relictão.
- 11.º Não lisonjeies nunca, é uma traição; se alguém te lisonjeiar, toma cuidado não te corrompas.
- 12.º Não julgues ao de leve as acções dos outros; louva pouco e censura ainda menos; lembra-te que para bem julgar os homens é preciso sondar tempo as consciências e prescrever as intenções.
- 13.º Se alguém tiver necessidade, socorre-o; se se desviar da virtude chama-o a ela; se vacilar, ampara-o; se cair, levanta-o.
- 14.º Respeita o viajante; auxilia-o; a sua pessoa é sagrada para ti.
- 15.º Fuge de contendas, evita insultos, obedece sempre à razão esclarecida pela ciência.

- 16.º Lê e aproveita, vê e imita o que é bom, reflecte e trabalha; faz quanto passas para o aperfeiçoamento da organização social e, assim, contribuirás para o bem colectivo.
- 17.º Sé progressivo; estuda a ciência, porque ela te conduzirá à Verdade que tens por dever procurar.
- 18.º Não te envergonhes de confessar os teus erros; provarás assim que és hoje mais sensato do que eras ontem e dejes aperfeiçoar-te.
- 19.º Moraliza pelo exemplo; sé obsequioso; tolera todas as crenças e todos os cultos.
- 20.º Educa e ensina; esclarece os outros com o teu conselho, inspirado pela circunspecção e pela benevolência.
- 21.º Rogosija-te com a justiça; surge-te contra a iniquidade; sofre os azares da sorte, mas luta contra eles, no intuito de os vencer.



Porque é que os peixes podem nadar debaixo de água?

Todos nós quando mergulhamos e ficamos debaixo de água, sentimos que nos falta o ar. Como é então que os peixes podem respirar, se vivem constantemente debaixo de água? Porque não respiram por pulmões mas por guelras. A água tem sempre ar invisível em dissolução. Pode facilmente verificar-se isso mesmo quando se deixa a água repousoar num copo durante um certo tempo. Formam-se bolhas de ar, não é verdade? E assim existindo ar na água, os peixes, dotados de guelras especialmente destinadas à sua forma de respirar, podem viver muito tempo regaladinhos da sua vida.

* * *

Que a Rata Gigante, conhecida também por JAMANTA, pode pesar até 1.000 kgs. e tem tanta argura como comprimento, tem uma cauda que movimenta como um chicote e nada perfeitamente?

PARECE INCRÍVEL MAS... AGONTECEU

1.º — Um touro entra num consultório de um cientista

Não é a primeira vez que um touro fuge do matadouro e dá algumas voltas pelas estradas da cidade. Mas que chegue ao ponto de entrar no consultório de um dentista que estava curando uma paciente, não é coisa de todos os dias.

2.º — Um avião investe um pára-quadista

Foi no aeroporto de Zagábria durante uma prova desportiva de pára-quadismo. O avião, do qual tinham saltado os pára-quadistas, investiu, a duzentos metros do solo, um deles. O jovem abriu o pára-quadas de reserva e aterrou incólume. O mesmo não aconteceu ao piloto aterrizado, perdeu o controlo do avião que caiu na pista do aeroporto.

3.º — Uma mãe salva-se com o filhinho, saltando pela janela

Para salvar-se das chamas que tinham envolvido a sua casa, uma mãe deitou da janela abaixo os três filhinhos, depois, apertando nos braços o mais novo, de 15 dias, deitou-se também ela. O seu acto de coragem terminou felizmente: a mãe levantou-se incólume e salvou assim a sua vida e a dos filhos. O incêndio foi causado por um dos pequenos que acendera, imprudentemente um fósforo debaixo da cama.

4.º — Um jovem substitui o piloto falecido

Durante uma viagem de recreio, um aparelho pareceu enlouquecer. Os passageiros viram com surpresa o piloto cair na cabine. Um jovem, John Dorr, encheu-se de coragem e, ajudado por dois amigos, removeu o corpo do piloto; depois sentou-se aos comandos. Mas não sabia por onde começar; os interruptores e alavancas eram muitos. Com calma, conseguiu pôr o avião em linha de voo e recorreu à rádio. Tive a grande sorte de ser escutado por um comandante de um avião de linha comercial que atravessava a zona.

John conseguiu fazer uma oterra-gem quase perfeita. A aventura acabou bem.

5.º — Um barco de pesca arrastado por um submarino

Sucedeu na Espanha, nas águas de Aguilas. Os pescadores tinham deitado as redes quando, de repente, sentiram um tufão e viram o barco a ser arrastado por um misterioso meio sub-aquático. As redes tinham-se emaranhado num submarino que continuou a sua viagem mbocanda, durante muitas milhas, o barco de pesca.

6.º — Pela boca perde o peixe...

Leonard Johnson, de vinte oito anos de idade, de Chicago, com a pistola em punho entra num armazém e leva consigo um saco de plástico cheio de notas e moedas. O saco de plástico, todavia, estava furado, e o movente, temer por isso, foi semeando o dinheiro pela rua. A policia seguiu-lhe o rasto e acabou por apanhá-lo.

7.º — Charles Dullin, que foi brilhante actor francês, estudou arte dramática recitando poesias diariamente, durante vários anos numa jaula de leões. Isto passou-se entre os anos 1885 e 1949 (data do nascimento e morte do actor) e incrível que pareça é autêntico. SABIAS:



Definições

Pontualidade:

É a arte de adivinhar rigorosamente o atraso com quem nos vamos encontrar.

Gate:

Despertador a que não é preciso dar corda.

Homem:

É uma criatura sem lógica que quer um ambiente doméstico no hotel e um serviço de hotel em casa.

Bicideta:

O único veículo que o animal puxa sentado.



PASSATEMPO



REDACÇÃO

«A Pátria»

A Pátria é a terra onde criam os nossos pais os galos e os nossos irmãos. A Pátria é linda e querida dos portugueses e dos nossos antepassados, nossos irmãos, nossas tias e avós.

A Pátria é uma terra enorme e tem lá muita gente como na serra da Estrela. Eu nunca fui à Pátria.

E desculpou-se aquele automobilista destravado: — Pois é, senhor guarda. Eu vinha realmente com excesso de velocidade, mas tinha uma pressa danada de fugir a este perigosíssimo trânsito de Macalogue City!!

— E da acção das pessoas desaparecidas? Quero comunicar que achei a tal rapariga loira.

— E como a achou?
— Achei-a deliciosa!!!

R
I
O
S

D
E

M
O

Ç

A
M

B
I

Q
U

E

MAÇADA GEOGRAFICA

Nome romano da cidade de Braga

1.º — BUSCA A TUA GARRA
(Solução no próximo número)

Cínicas

A filha do padeiro tem muitos pretendentes. É a chamada atracção das massas.

A minha pequena anda a estudar sociologia, filosofia. Logo que nos casarmos vou obrigá-la a estudar passaferrologia, cozinhologia e roupalogia.

O beijo de amor tem, pelo menos, uma grande vantagem. Enquanto ele dura, nós não podemos dizer asneiras.

Ele desabafava a mulher daquele Boxeur falhado:

— Pois é como lhe digo. No ringue ou em casa, o meu marido é sempre o mesmo — nunca se levanta antes das dez!!!

— Sr. condutor, então manda andar o eléctrico quando eu estava a subir? Podia ter partido uma perna!

— Se a senhora partisse a perna eu tocava para parar. Para os aleijados paramos sempre.

Se V. for convidada para um casamento, é preferível não ir de automóvel, com o trânsito actual, arrisca-se a só chegar a tempo do baptizado.

Aquele casal esteve numa ilha perdida, na maior das misérias, durante oito anos, mas depois teve a compensação.

— Quando voltou à civilização tinha o futuro assegurado. Só com os abonos de família!!!

— Sim, quem diz que a invenção da roda foi um grande benefício para a Humanidade é porque nunca experimentou andar de patins.

Borges da Cunha
Furriel Miliciano

Riso em rajada...

NA AULA DE FILOSOFIA:

— Arturinho, podes dar-me um exemplo das condições de adaptação do corpo humano?

— Sim, Senhor Professor. A minha tia Augusta tumentou 18 km. num ano e a pele não lhe rebentou nem nada...

Ele estava a ensinar a mulher a guiar o automóvel. Nisto, faltaram os travões, e o carro começou a deslizar rapidamente por uma ladeira abaixo.

— Que faço agora? Gritou ela horrorizada.

— Calma, filha. Procura bater de encontro à coisa mais barata que vires no caminho.

Dizia um: A tua mulher conta-te tudo?

Dizia o outro: tudo não... Bem vê, o dia só tem 24 horas.

Ele tinha deixado o carro estacionado em local proibido, e quando voltou, estava lá um guarda, a passar um talão de multa.

— Mas senhor guarda, eu estacionei aqui apenas um minuto, se tanto.

— Ah! sim? Ponho aqui a mão na frente do carro? Está frio, não é verdade? Como é que o motor lá ficar tão frio apenas num minuto?

— Mas senhor guarda, o motor deste carro é atrás!... O guarda foi-se embora.

Diz o conhecido slogan publicitário que «nove de cada dez estrelas usam luz».

— Pelo cheirinho que a gente sente nos eléctricos e autocarros, é de acreditar que nove de cada dez portugueses não se lavam com sabonete nenhum.

Tentei ensinar o meu cão a pedir comida, quando tem fome. Assim, treinei-o durante meses a ladrar três vezes seguidas, cada vez que quisesse comer. Eu exemplificava ladrando três vezes. Ao

princípio não deu resultado, mas depois ele percebeu.

— E agora? Agora, tenho que ladrar três vezes para o convencer a comer.

A mãe pariu o filho:

Olha que tu, se te portas mal, vem o Diabo e leva-te para o inferno!

O miúdo muito céptico: Não arredu, o Diabo morreu.

Morreu?

Sim. Ontem nós vimos passar um funeral, e o papá disse assim: «Pobre diabo, está morto».

O homem estava caído no chão, todo amachucado. Passou um transeunte bondoso, que perguntou: Coitado! Quer que chame a sua mulher? Não, obrigado. Foi ela que me pôs neste estado.

Durante o jantar, o dono da casa observou, para o convidado. Pois esse malhão que o senhor está a comer, obrigou-me a três horas de luta!

— Ah! sim — disse o visitante. Nós lá em casa, também temos um abre-latas estragado.

O miúdo ia ser operado de amígdalas, e a enfermeira explicou-lhe que era preciso fazer uma análise ao sangue.

— Para quê? Perguntou o miúdo?

— Bem, para ver qual é o seu tipo.

— Ah!, não é preciso! A minha mãe diz sempre que eu sou um tipo ordinário, tal e qual como meu pai.

O provinciano tinha acompanhado o filho ao hospital, para ser operado de urgência. Ao ver o médico preparar-se para aplicar uma máscara ao rapaz, perguntou.

— O senhor doutor, o que é isso?

— É um anestésico. Depois de cheirar isto o seu filho ficará sem saber nada do que se passa.

— Ah!, não é preciso, senhor doutor! Ele já é bastante burro. Não sabe nada de nada!

CONTESTAÇÃO

Pelo Alferes Miliciano Américo da S. Martins

Denunciado por uns como abusivo e inexacto, aclamado por outros como triunfante e vitorioso, o termo CONTESTAÇÃO e o qualificativo CONTESTATARIO correm hoje mundo.

E CONTESTATARIO:—

—o que reage contra estruturas caducas, pré-estabelecidas, que não se sujeita a sistemas artificiais e que já fizeram época, que denuncia a hipocrisia das instituições de fachada, que caustica o mal dos ricos que se fecham à miséria dos pobres, que criva o joio do trigo, que busca a autenticidade de atitudes e comportamento.

—o corajado com força e ânimo para reagir de encontro a um mundo que evolui.

MAS CONTESTATARIO E TAMBÉM:

—o que reage contra estruturas, não por serem obsoletas, mas por virem dum passado que, por princípio, não se aceita.

—o irreverente e, de vezes, inconsciente e ingrato, que não sabe respeitar atitudes e mentalidades, que não sabe dialogar, se bem que se afirme paladino do diálogo.

CONTESTAÇÃO: FENÓMENO INDIVIDUAL

Seja qual for a nossa idade, urge optar entre a juventude eterna e o envelhecimento, entre a esclerose e o perpétuo ressurgir do nosso ser. Quaisquer que sejam os planos e as dimensões em que o situemos, qualquer que seja o prisma por que o encaremos, não há no homem uma só falta, um só pecado: crer que aportou, que chegou; satisfazer-se com os resultados obtidos, não querer avançar mais. Como há que dar à existência uma concepção linear na vertical, oblíqua, ascendente, todo o moment de contemplação, se não visa uma contestação do passado em vista de um melhor futuro por uma resolução presente, mas que é um parar burguês e tranquilo na certeza da posse, é um corte com o dinamismo essencial que deve animar a nossa vida.

Como é necessário decidir-se — decisão que data já dos alvares da humanidade — o homem vive em estado contestatário. Estado

contestatário que Cristo definiu por violência — «O Reino dos Céus sofre violência. Só os violentos o arrebatam» — e a que S. Paulo chamou luta entre o homem velho filho de Adão pecador e o homem novo criado por Deus e resgatado por Cristo.

Deste estado de tensão radical e inicial existente no homem surge um dinamismo que impulsiona, uma força que cria, um espírito que renova. E este estado contestatário deveria ser sempre fundamento de outro que se venha a exteriorizar. O fenómeno social e, particularizando, eclesial da contestação para ser autêntico, tem que ser reflexo e espelho deste estado individual.

CONTESTAÇÃO: FENÓMENO SOCIAL

Parecendo-nos recente, o fenómeno da contestação existe desde sempre. Talvez porque o nosso mundo evoluiu, no plano da técnica, dum maneira espantosa nas últimas décadas, e este despertar não foi preparado por uma mentalização adequada, assistimos a um «escandaloso» criticar de atitudes e mentalidades.

As reacções dos homens, hoje, são anacrónicas, se comparadas com a evolução planetária em que vivemos:

na era das conquistas espaciais, das ainda embrionárias transplantações de tecidos e órgãos, até há anos impensáveis; conservamos os antigos reflexos, os esquemas mentais e as concepções caducas de outrora.

E deste desfazamento entre o agir-realizar e o pensar nasce um desequilíbrio. Desequilíbrio que choca.

Deste desequilíbrio nasce o inevitável choque entre a mentalidade passada que se sente segura e vê desmoronarem-se os planos feitos e a mentalidade «actual» que quer acompanhar o, se possível, pautar os acontecimentos; desde desequilíbrio nasce a crise entre os «novos» e os «velhos» (não tem algum sentido cronológico estes termos: novos-velhos).

Vejamos só:

Numa época em que a miséria do outro, pobre, nos entra em casa, pela televisão, rádio, jornal ou revista, ficar insensível e fechar

a ela, é inqualificável; mas era e é atitude tomada. Contra tal, sobreveio a reacção dos jovens, quase sempre bafejados pela fortuna mas que voluntariamente a abandonam, protestando contra a sociedade e gente e suas estruturas sociais. Será extralimitada essa reacção? É-a sem dúvida, uma que outra vez. Basta que atentemos nos famigerados «hippies». Mas tem o condão de despertar os homens para uns tantos problemas, antes julgados «tabus sociais».

Mas são as mais variadas, e extravagantes às vezes, as manifestações deste desequilíbrio. Não falando já nos movimentos jovens que reagem, pela sua maneira paupérrima e extravagante de viver, contra a burguesia injusta e anti-humana dos imperialistas, atentemos só:

— nos estudantes universitários que não toleram um ensino anacrónico nos métodos e no conteúdo, que é mais história do passado que preparação para o futuro;

— nos cidadãos que não podem com um governo ditatorial e despótico, mas que querem estar presentes de alguma maneira, na gestão dos interesses da Nação;

— nos operários que despertam para a realidade dum escravatura camuflada, em que sentem coisas e instrumentos no grande Processo de enriquecimento do patrão;

— nas organizações feministas que realizam manifestações não apenas a exigirem a «igualdade e a libertação da mulher» mas que lançam «uma revolta geral feminina» colocando em questão os valores humanos biológicos e económicos.

Em todos estas manifestações — umas entre tantas — o esforço de reacção é louvável. É criticável, muitas vezes, o modo como é feito e as atitudes reivindicatórias. Temos de desaproveitar e condenar as tentativas anárquicas que nada resolvem mas só geram o descrédito e o terror.

CONTESTAÇÃO: FENÓMENO ECLESIAL

Vivendo num mundo, procurando transformá-lo profundamente e torná-lo, cada vez mais, digno mo-

(Continua na página 7)

Noticiário da Unidade

No dia 4 de Maio de 1970 tivemos a visita de Sua Ex.^a o Comandante da Região Militar Ex.^{mo} Brigadeiro João Tiroa acompanhado dos Ex.^{mos} sr. Ten.-Cor. de Eng.^o Jorge Teixeira Pimentel, sr. Ten.-Cor. de Eng.^o João Maria do Rio Carvalho Frazão e do sr. capitão mil.^o Sebastião do Carmo Falcão

Trigoso da Cunha. Depois dos cumprimentos de boas-vindas, Sua Ex.^a o Sr. Brigadeiro João Tiroa passou revista ao aquartelamento. No dia seguinte, às 7 horas, os nossos ilustres visitantes, dirigiram-se para Panita a fim de visitarem a Companhia 2669 ali aquartelada.



O Ex.^{mo} Brigadeiro João Tiroa cumprimenta os oficiais